

## OUTRO ARTIGO

# VARIÓLA, TABACO E SISTEMAS ATLÂNTICOS: AS CAUSAS DA ASCENSÃO DA COSTA DA MINA E QUEDA DE ANGOLA NO COMÉRCIO NEGREIRO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVII<sup>1</sup>

*Leonardo Dallacqua de Carvalho*  
Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ-RJ.Br.

*Wesley Dartagnan Salles*  
Instituto Educacional do Estado de São Paulo,Br.

### RESUMO

Este artigo procura explicar as causas do surgimento da Costa da Mina no comércio negreiro do século XVII e o concomitante enfraquecimento de Angola. A pesquisa buscou aliar os métodos de história econômica e história das ciências e da saúde para responder as questões sobre os porquês de haver uma mudança de direção no tráfico negreiro. Por meio desse método, entendemos que o enfraquecimento de Luanda como principal porto negreiro ocorre em dois planos, o surto de bexiga (variola) no final do século XVII e a quebra do monopólio no trato que os portugueses detinham até então. Parte da historiografia procura dar exclusividade à doença colocando-a como fator preponderante na queda da região. A Costa da Mina teria entrado no comércio aproveitando-se do espaço deixado pelos angolanos. Outro viés explicativo é o da mudança de interesses dos produtores de tabaco brasileiro, que passou a comprar progressivamente da região do Golfo do Benim. Ocorre que entendemos outro padrão de comércio realizado na Costa da Mina, portanto, concluímos que não foi apenas uma “substituição” e sim um modo diferente e que era organizado pelos ingleses e holandeses, ao qual Peter Emmer denominou de “Sistema Atlântico”. Esta seria a causa estrutural do câmbio de direção dos traficantes negreiros, isto é,

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento dessa pesquisa.

um esboço de capitalismo que reestrutura as hegemonias europeias e, por consequência, o comércio colonial.

**Palavras-chave:** tráfico negreiro; varíola; Costa da Mina, Angola.

## RESUMEN

Este artigo procura explicar las causas del surgimiento de la Costa da Mina en el comercio de esclavos del siglo XVII relacionándolo a la crisis de Angola. La investigación buscó vicular los métodos de la história económica y los de la história de las ciencias y de la salud para responder las cuestiones relativas al cambio de dirección em el comercio negreiro. Por medio de esa metodología, llegamos a conocer que el enflaquecimiento de Luanda como principal porto negreiro ocurre en dos planos, la epidemia de la vejiga (varíola) al final del siglo XVII y la quiebra del monopolio que los portugueses controlaban. Parte de la historiografía procura dar exclusividade a la enfermedad colocándola como factor preponderante para la crisis de la región. La Costa da Mina había entrado em el comercio aprovechandose del vacío dejado por los angolanos. Otro lado explica la causa por el cambio operado en los intereses de los productores de tabaco brasileiro, que pasaron a comprar de la región del Golfo do Benin. Entendemos otro padrón que explica el traslado del comercio para la Costa da Mina. Concluimos que no fue apenas uma “substitución” y sí un modo diferente de organización de los ingleses y holandeses, al cual Peter Emmer denominó “Sistema Atlântico”. Esta sería la causa de esse cambio estructural, el proyecto capitalista que reestrutura las hegemonías europeas y, por consiguiente, el comercio colonial.

**Palabras claves:** tráfico negreiro; varíola; Costa da Mina, Angola.

## ABSTRACT

This article sought to explain the causes of the emergence of the Costa da Mina in the slave trade of seventeenth century and the concomitant weakening of Angola. The research aimed to evaluate the methods of economic history and history of science and health to answer questions about the reasons there is a change of direction in the slave trade. Through this method, we understand that the Luanda weakening as the main slave port takes place on two planes, the bladder outbreak (smallpox) in the late seventeenth century and the monopoly of the break in the tract that the Portuguese held until then. Part of historiography seeks to give exclusivity to the disease placing it as a major factor in the decline of the region. The Mina Coast would have entered the market taking advantage of the space left by Angolans. Another explanatory bias is

the change of interests of Brazilian tobacco farmers who went to buy progressively from Benin Gulf region. It happens that we understand other trade pattern held in Costa da Mina therefore concluded that it was not just a “replacement”, but a different way and it was organized by the British and Dutch, to which Peter Emmer called “Atlantic System”. This would be the root cause of the direction of exchange of slave traffickers, ie capitalism draft restructuring European hegemony and, consequently, the colonial trade.

Keywords: slave trade; smallpox; Costa da Mina, Angola.

## **Considerações iniciais**

O artigo que ora apresentamos tem o objetivo de demonstrar as variadas formas encontradas para explicar o arrefecimento da Costa da Mina como centro distribuidor de escravizados à América. A historiografia especializada tem adotado duas explicações distintas para o processo, uma da história econômica e outra da história das doenças. Os historiadores que explicam pela esguelha econômica tem demonstrado que a região da Costa da Mina se especializou internamente na venda de cativos. Ainda, para o Brasil, a elucidação ocorre no sentido de demonstrar que os próprios produtores brasileiros se interessaram mais pela região na medida em que ela passou a comprar seu tabaco. Do outro lado, os autores apontam para a variola o fator explicativo da mudança de direção do tráfico negreiro.

Este artigo, a partir de pesquisas documentais realizadas, com efeito, entende que os dois fatores são importantes para esclarecer o processo. Entretanto, elencamos um terceiro fator (de través econômico) que pode dar elementos para configurar uma explicação conjuntural para o recrudescimento da região exportadora. Esse aspecto não nega, de todo modo, as consolidadas explicações, mas, ajuda a organizar e enlevar a mudança numa conjuntura ampla, a do surgimento do capitalismo.

A discussão ocorre, portanto, dentro das linha traçadas pela historiografia africanista e colonialista, na medida em que democraticamente explicamos o processo histórico desviesado. Com esse intuito, primeiro fizemos uma análise metodológica que dialoga com os conceitos de uma historiografia das doenças com a finalidade de explicar seu caráter seminal na história, não

apenas a doença como “consequência” de um processo, mas como parte constitutiva do contexto. Por conseguinte, fizemos uma discussão com a historiografia especializada e narramos os referidos modos de conceber a decadência de Angola com suas maneiras obliquas, seja pelo viés econômico ou pelo viés da varíola. Por fim, nossa proposta na categoria sistêmica, isto é, da concorrência entre os sistemas de colonização portugueses e holandeses.

### **Angola e Brasil em uma breve introdução: o papel das doenças em análises de estudos coloniais**

O presente subtítulo propõe o exercício de pensar a historiografia pelo viés interpretativo de uma história das ciências e da saúde, segundo o qual as doenças não são apresentadas como mero acaso ou como um resultado coincidente biológico, mas, por meio de uma “dimensão histórico-social” (KROPF, Simone Petraglia. *Ciência, saúde e desenvolvimento: a doença de Chagas no Brasil (1943-1962)*. *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 19, p. 107-124). Em outras palavras, elas podem ser catalizadores para repensar contextos e resoluções de determinadas conjunturas como o período colonial brasileiro e o comércio negro.

Aliás, esta primeira parte da nossa proposta está ligada justamente à consideração dos estudos das doenças, ciências e saúde enquanto campo de interdisciplinaridade do conhecimento historiográfico. Como se notará na documentação utilizada, a varíola foi um dos componentes centrais para a explicação da dinamização do tráfico de escravizados, o que nos ajuda a desenvolver neste estudo de caso uma análise da doença como um dos fatores de mudança de conjuntura do sistema analisado.

A escolha de trabalhar com a varíola se explica pela fartura em termos de referências documentais encontradas e pela escolha de parte da historiografia que a elege como fator fundamental para explicar o arrefecimento do tráfico em Angola. Como lembrou Daniela Calainho (2005, p.68), desde os tempos finais do século XVI, a América foi assolada por enfermidades como sarampo, febre amarela, desenteria, malária, entre outras, tendo sido desde cedo uma preocupação no espaço das américas,

em especial no caso brasileiro, a partir da fixação dos jesuítas (ROSA, João Ferreira – *Trattado Unico da Constituiçam Pestilential de Pernambuco*. Oficina de Miguel Menescal. Lisboa – 1694).

As relações de diferentes sujeitos em um espaço novo deve ser levada em conta para compreender o processo de disseminação das doenças. Afinal, o “Novo Mundo” congregou esta miscelânea de grupos de diferentes partes do planeta, em virtude das expansões geográficas que geraram circulação e deslocamentos humanos. Ou ainda, para citar nos termos de Alfred Crosby (2011, p.13) em relação aos europeus, estes parecem “[...] ter brincado de pular carniça por todos os quadrantes do globo”. As consequências dessas interações mexeram com o denominado “nicho ecológico das doenças”, que determinou uma nova configuração de moléstias e enfermidades nas zonas de contato<sup>2</sup>. Márcia Moisés Ribeiro (1997, p. 23) sintetiza com mais autoridade o que procuramos explicar:

O sarampo, a varíola, a tuberculose e as doenças venéreas figuram dentre as mais devastadoras moléstias introduzidas na América através da Europa. Mas nem só de Portugal vinham as impurezas. Os tumbeiros chegados de diferentes regiões da África não cessaram de despejar em nossos portos infinidades de escravos contaminados por males de ordens diversas durante o período em que perdurou o tráfico. Europa e África povoaram a Terra de Santa Cruz infectando-a, espalhando suas mazelas por todos os cantos, contribuindo significadamente para a formação e o enriquecimento do quadro patogênico colonial. Juntamente com as suas línguas, credos e culturas, esses povos trouxeram afecções que se perpetuaram no cotidiano da população. Se bem que devastadora, essa contribuição à complexidade da patologia brasileira teve uma face positiva, pois, simultaneamente à disseminação das doenças, os dois

---

<sup>2</sup> Este termo pode ser entendido como aquilo que Mary Louise Pratt (1997, p.27) define como “[...] espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação - como o colonialismo, o escravagismo ou seus sucedâneos, ora praticados em todo o mundo”.

contingentes divulgaram os fundamentos de sua arte médica de origem.

O excerto acima menciona tanto a disseminação das doenças que grassavam os contatos e o trânsito oceânico humano, quanto o desenvolvimento das práticas de cura desenvolvidas na anatomia dos corpos. Quanto às práticas de cura e arte de curar, há uma farta historiografia em escala crescente com essa preocupação ao longo da história da colônia brasileira, na qual destacam-se os trabalhos de Maria Amélia Mascarenhas Dantes (2005), Tânia Salgado Pimenta (2003), Rosilene Gomes Farias (2012), Flávio Edler (2006) e Sidney Chalhoub (2003), e sobre a África, Josep Miller (1988), para citar apenas aqueles que trouxeram novos significados para as interpretações das dinâmicas estabelecidas entre os sujeitos e as doenças. Este trabalho não tem como propósito evidenciar práticas de cura, mas demonstrar um estudo que viabilize a compreensão da chegada e circulação de doenças, neste caso, da varíola e seu impacto conjuntural no comércio negreiro.

Enquanto objeto de enfoque de pesquisas, esta enfermidade apresenta características diferentes em coordenadas espaço-temporais diversas que demandam uma análise delimitada do *corpus* documental. As doenças devem ser enquadradas mediante o seu papel social e não apenas como sub-produtos que entreveram determinadas ações. Um dos autores que esmiuçou teoricamente esta proposta foi Charles E. Rosenberg (1989, p.2) ao dizer que:

Disease is at once a biological event, a generation-specific repertoire of verbal con-structs reflecting medicine's intellectual and institutional history, an aspect of and potential legitimation for public policy, a potentially defining element of social role, a sanction for cultural norms, and a structuring element in doctor/patient interactions.

Este quadro a quadro da doença estabelece a pluralidade da percepção no campo da história das doenças do que Rosenberg indica como sendo referência aos aspectos estruturais e o papel social da enfermidade. A varíola se enquadra nessa moldura

se pensarmos suas interpretações em diferentes contextos de análises por parte de historiadores. Esta condição permite, por exemplo, historicizar estes aspectos em um plano de imunização antivariólica, como fez Tânia Maria Fernandes (2003) ao observar periódicos na virada do século XIX para o XX. Ao estabelecer o diálogo entre a proposta de Rosenberg e Fernandes em relação à variola, temos a avaliação dos autores sobre a própria tentativa de imunização da moléstia como uma trajetória milenar que sobrepõe-se às práticas de divulgação das experimentações da biomedicina e também das teorias e conceitos de imunização e confecção de vacinas (FERNANDES, p. 462). Em outras palavras, o papel da doença está além da linearidade histórica ou de uma questão de homogeneidade biológica. Ela está forjada dentro de um contexto social e cultural.

Nesse sentido, a variola no século XVI, no contexto da América colonial, teve entre suas interpretações a punição divina como consequência do paganismo ou da nudez indígena. Outro exemplo que transcende uma análise biológica restrita pode ser ilustrado no ano de 1597, quando “[...] naus francesas teriam invadido e saqueado o castelo português de Arguim, na costa da África, e roubado a sagrada imagem de Santo Antônio. Com seus inimigos vitimados pela variola, os portugueses apressaram-se em atribuí-la como penitência dos céus” (GURGEL; ROSA, 2012, p. 391). A quantidade de almas ceifadas pela doença é interpretada por meio de representações que as sociedades fazem, por meio de percepções forjadas culturalmente. Seja na esteira interpretativa do século XVI de Gurgel e Rosa ou do XIX de Fernandes, nosso artigo buscará percorrer os processos nos quais história e doença não somente se aproximam, mas se entrelaçam. Como cita Elizabeth Fenn (2001, p. 6), a história da variola é “[...] necessarily a story of connections between people”. Em vista disso, nos orientaremos pela noção de suas múltiplas conexões.

Esta conexão pode ser analisada no recorte proposto, da segunda metade do século XVII, no qual nota-se um processo relevante envolvendo a doença para os estudos relativos ao comércio negreiro: o surgimento da região da Costa da Mina como exportadora de escravizados para as Américas, concorrendo com Angola, até então muito superior. Alguns

autores procuraram explicar os motivos dessa mudança, entre eles Paul Lovejoy (2002), Joseph Miller (1988), Pierre Verger (1987) e Gustavo Acioli Lopes (2008). Existem certas concordâncias nas explicações desses pesquisadores, entre elas a de que o surto de varíola teria influenciado de maneira decisiva a migração dos interesses para o norte; passando o tabaco a ser considerado como chave explicativa para a preferência dos brasileiros pelo novo lugar. Dessa maneira, procuramos pensar a seguinte questão: teria sido realmente o surto de varíola o motivo real do surgimento da Costa da Mina como principal fornecedora de escravizados? Ou seria a própria ascensão da Costa da Mina o advento responsável pela crise de Luanda?

O trabalho procura se orientar por três vias explicativas a respeito da referida mudança de direção do trato. De um lado, pelas características internas de Angola, no que diz respeito à varíola e às influências da Câmara de Luanda; de outro, pelas consequências dessa doença no Brasil, como a perda de interesses dos traficantes e negociantes brasileiros pelos escravizados da região; e por fim, pela conjuntura externa, isto é, do mercado europeu e as mudanças ocorridas com o fracasso dos ibéricos frente às novas potências mundiais: Holanda, França e Inglaterra.

### **Explicações para ascensão da Costa da Mina e queda de Angola no comércio negro**

Quando no governo de Francisco de Távora (1669 - 1716) houve a tentativa de conquistar o Congo de forma definitiva, uma derrota em Soyo fez com que os portugueses desistissem temporariamente de dominar esse reino. A batalha de Ambuíla teve um papel arrasador na política conguesa, pois depois de 1665 houve uma guerra civil pela sucessão ao trono que pulverizou o poder e, principalmente, *“foi um total e completo transtorno que derrubou os próprios fundamentos da sociedade e abalou a visão de mundo ...”* (VASINA, J. O Reino do Congo e seus vizinhos. In: (ed.) OGOT, B. A. *História Geral da África. África do século XVI ao XVIII*. v. 5, Brasília: UNESCO, 2010, p. 668). Depois disso, a sociedade se dividiu em várias frações fornecedoras de escravizados e assim permaneceu durante o



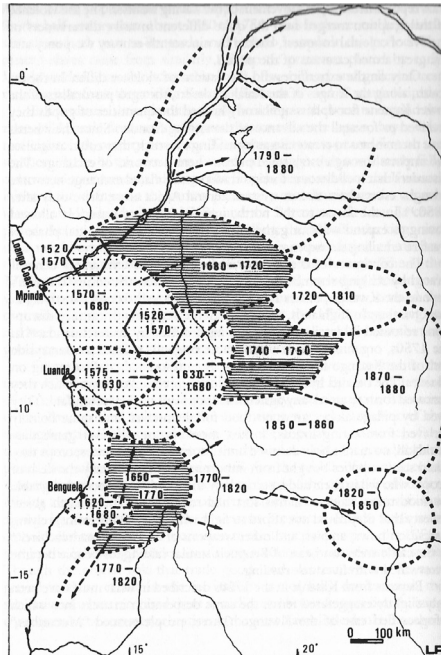
século XVIII (MILLER, J. C. *Way of death*. Merchant capitalism and the Angolan slave trade 1730 – 1830. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1988. p. 113).

A partir do governo de Francisco de Távora, a Câmara de Luanda perdeu importância e poder em relação aos afro-portugueses, também chamados de mestiços. Na região de Angola, cada vez mais os interesses dos comerciantes brasileiros passaram a se sobrepor. Desde o governo de Luís Martin de Souza Chichorro (1654 - 1658), havia a aspiração de retirar das mãos de “estrangeiros” e “brancos” o processo de compra de cativos no interior africano, deixando-o nas mãos da camada especializada. Nos governos de João Fernandes Vieira (1658 -1661) e André Vidal de Negreiros (1661 - 1666) inúmeras reclamações nesse sentido também foram enviadas à Coroa<sup>3</sup>. Em suma, depois de 1670 parece ter havido o controle dos atravessadores e, ao menos na região de Angola, como anotou VASINA (2010, p. 668), os brasileiros conseguiram estabelecer uma rede de comércio, direcionando a economia e centralizando em Luanda um capital comercial que orientou o trato do sertão. Certamente, muitos atravessadores brancos faziam essa busca de escravizados no interior, porém, sublinhamos os intermediários do tráfico<sup>4</sup> como agentes de destaque neste contexto.

<sup>3</sup> Não se deve confundir com o fato destes governadores terem difundido a guerra com a finalidade de capturar escravos. A ideia de retirar das mãos de atravessadores se fundamentava apenas no comércio não em relação a guerra, até porque a guerra acontecia no sentido, também, de dominar a região – como se tentou com o Congo – e depois comercializar livremente. O fato é que o comércio feito pelos brancos, atravessadores, encarecia o preço dos escravos, inibia o poder de compra com produtos brasileiros.

<sup>4</sup> Para uma boa definição da função social dos intermediários do tráfico de escravos consultar, entre outros, SILVA, Alberto da Costa e *A manilha e o libambo*. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. Dois termos gerais prevalecem “Lançados”, que em definição significa “Lançados ao litoral”, ou seja, esquecidos e assimilados à população local. Também, eram chamados de tangos-maos, o mesmo que portugueses que viviam entre os locais e assimilavam os seus costumes. Havia a variação, pombeiros ou pumbeiros, que é uma definição mais específica, que tem variação dos Pumbos: feiras sertanejas de escravos. Esta última definição não faz referência a origem do país, a cor, apenas se refere à “profissão” do ser. Ver também, principalmente em relação aos “pumbeiros” o “Parecer de Francisco Leitão sobre a missão dos Capuchinhos (04-12-1643). In: BRÁSIO, Antônio. *Monumenta Missionária Africana*. vol. IX, p. 85.

Depois de 1670, a atividade bélica dos portugueses diminuiu em relação à dos africanos. Houve, entretanto, um grande avanço da influência portuguesa e europeia, por meio dos missionários italianos que desembarcaram na África. Um mapa feito por Joseph Miller (1988) mostra até que ponto os portugueses adentraram o sertão africano naquele ano e, assim, nos direciona a compreender que a expansão para o interior não foi rápida. Até 1680 a região do Congo foi explorada mais a fundo, ainda assim não muito longe do litoral - nas cercanias de Luanda. Ao norte estava o Congo com povos que, depois de descentralizados, impediram o avanço dos portugueses. No centro-sul do Congo estava o povo Jaga que, mesmo fazendo um acordo diplomático na época da rainha Njinga, constituíram um cinturão militar que inibiu o avanço português. Observe-se no mapa abaixo, elaborado por Miller, como até o século XVIII a ocupação portuguesa se limitou à área litorânea.



Mapa extraído de: MILLER, J. C. Way of death. Merchant capitalism and the Angolan slave trade 1730 – 1830. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1988, p. 148.

O principal porto negreiro português, até 1670, era Luanda. Além dele, existiam ainda mais duas regiões próximas que tiveram muita importância para o tráfico: Loango e Benguela. Essas foram as três principais rotas do tráfico negreiro no século XVII em relação à África Central. Depois de 1670 entra em cena o comércio da região do Golfo do Benin, dividindo a importância com o Congo e, já na década de 1680, superou em números de vendas de escravizados e marcou um leve arrefecimento da exportação na África Central. Percebemos no Golfo do Benin uma grande crescente a partir do ano de 1651. Como é possível observar na tabela abaixo, entre a década de 50 e o início da década de 80 houve um crescimento de mais de 480% no número de cativos. Entre 1680 e 1685 houve um crescimento de mais de 95%. Uma porcentagem ainda mais impressionante é a do crescimento de 1651 até 1700: 1648,70%.

Tráfico do golfo do Benin no século XVII

<b>Período</b>	<b>Número de escravos</b>	<b>Média Anual</b>
1651-1661	19.300	772
1676-1680	22.400	4.480
1681-1685	43.800	8.760
1686-1690	44.400	8.880
1691-1695	49.700	9.940
1696-1700	67.500	13.500

FONTE: Base de Dados Du Bois, discutida por Lovejoy, 2002.

Lovejoy encontra três razões para a ascensão da região:

Em primeiro lugar, a perspectiva de lucro comercial parece ter sido um forte motivo na luta pelo poder ao longo das lagunas que ficavam atrás do golfo do Benim. Vários portos da laguna tentaram dominar o mercado, desde Popo Grande e Pequeno, no oeste, até Uidá, Offra, Jakin, Epa, Apa, porto Novo, Badagry e Lagos, a leste. Aladá, situada no continente, impôs com sucesso algum domínio sobre as lagunas. Seus portos em Offra e Jakine e posteriormente seu controle sobre Uidá asseguraram

o domínio do comércio exportador no final do século XVII, quando as exportações tornaram-se importantes. Em segundo lugar, o reino ioruba de oió iniciou uma série de guerras no interior que resultou na escravização de muitas pessoas. Oió era um estado na savana; a sua capital estava localizada apenas a 50 km de Niger e a 300 km da costa. Sua força estava na cavalaria, baseada em cavalos importados do norte distante, que permitia ao estado dominar o comércio até a costa. Em terceiro lugar, o Daomé, situado a 100 km do litoral, intervinha na política costeira e atacava os seus vizinhos do norte desde a década de 1720, aumentando assim o volume de exportação. Daomé utilizava Uidá como seu principal porto, como fez Oió até a última quarta parte do século. Uidá permaneceu como principal porto e pode ter sido responsável por quase um milhão de escravos do final do século XVII até o início do século XIX. Embora Oió forçasse o Daomé a pagar tributos, isso não era suficiente para garantir acesso a Uidá, e por conseguinte Oió desenvolveu portos alternativos em Porto Novo e Badagry mais para leste<sup>5</sup>.

Em resumo, três fatores internos auxiliaram a ascensão do comércio na Costa da Mina, principalmente em relação às guerras que implicavam na captura de cativos. Havia também, a eficiência do comércio interno levada a cabo por uma política voltada para a escravidão e, por fim, não havia a presença militar dos europeus, como a representada pelos portugueses na África Central. Portanto, o processo de captura interna de escravizados ficava destinado à política local, quase sem a interferência militar européia e que se interessava exclusivamente pelo comércio litorâneo. Diferentemente da política portuguesa em Angola, os holandeses, franceses e ingleses, por meio de suas companhias de comércio, se interessavam pela compra de escravizados para o fornecimento das suas colônias americanas. Roquinaldo Ferreira chama esse momento de “Primeira Partilha da África” (FERREIRA, 2010). Não havia o mesmo interesse cristão nessa

---

<sup>5</sup> Há um conflito acerca da importância de Oió e Daomé no tráfico de escravos. A avaliação do autor procurou matizar a importância de cada linha de pensamento. (LOVEJOY, 2002. p. 101-102).

região como houve no Dongo, no Congo e em Angola por parte dos outros europeus.

O fato é que o perímetro de Luanda se tornou um baluarte da colonização e da evangelização portuguesa sendo modelar para os lusitanos ali estabelecidos. Nesse sentido, mesmo com vários problemas, como a peste do final do século, jamais a região foi abandonada pelos portugueses. Ainda que em períodos marcados pela dificuldade na captura, a África Central foi a principal fornecedora de escravizados para o Brasil português.

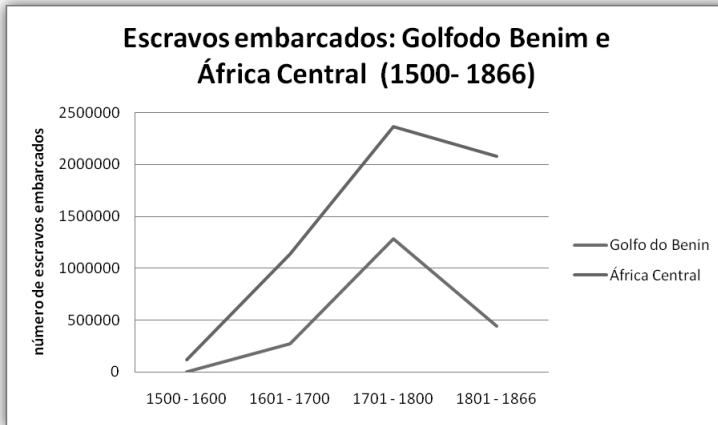
Depois de Ambuíla houve uma guerra civil que descentralizou o reino do Congo e, com isso, os interesses dos governadores brasílicos em colonizar e organizar diretamente o tráfico de escravizados interno, a situação geral de instabilidade política e de enfrentamentos militares entre os reinos implicou num período de incremento no fornecimento de escravizados advindos das guerras civis. Talvez, não da forma que Fernandes Viera e Negreros esperavam, mas ainda assim houve um abastecimento de escravizados capaz de sustentar, embora com dificuldade, a indústria do Brasil.

Escravos embarcados na costa africana (1650 – 1700)

Período	Espanha	Portugal/ Brasil	Inglaterra	Holandeses	Estados Unidos	França	Dinamarca Balcãs	Total
1650	889	8.286	0	542	453	0	0	10.170
1651-1660	10.389	91.326	26.720	25.983	0	706	653	155.687
1661- 1670	1.778	109.188	67.469	48.592	0	2.512	0	229.539
1671-1680	4.001	92.660	71.689	43.951	623	9.149	316	222.391
1681-1690	2.293	86.613	112.193	40.482	974	14.280	3.729	260.564
1691-1700	0	162.268	116.495	27.363	1.730	9.961	21.640	339.557
<b>Total</b>	<b>19.350</b>	<b>550.350</b>	<b>394.567</b>	<b>186.915</b>	<b>3.780</b>	<b>36.608</b>	<b>26.338</b>	<b>1.217.908</b>

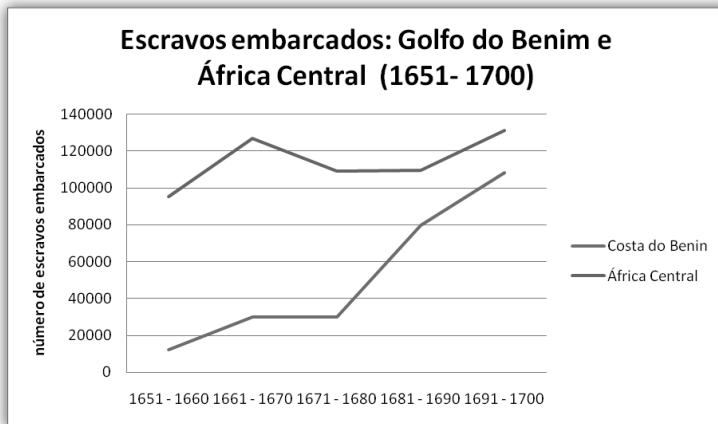
Fonte: The Trans-Atlantic Slave Database.

Gráfico 1



Fonte: <http://www.slavevoyages.org/>

Gráfico 2



Fonte: <http://www.slavevoyages.org/>

Conforme os dados elencados acima a partir da base de dados Eltis, podemos perceber que o fornecimento representado pela Região da África Central, que englobava Angola e a Ilha de Santa Helena, nunca foi ultrapassado em número absoluto pelo Golfo do Benim. Entretanto, nas décadas de 70 e 80 do século XVII observamos um enorme aumento nas exportações do Golfo

do Benim e uma concomitante estagnação nas da África Central. Essa estagnação ocorreu pelos motivos que ora buscamos explicar neste artigo. Na tabela acima, percebemos que o período que mais desembarcaram escravizados com destino ao Brasil, antes de se ter descoberto ouro, foi no contexto da batalha de Ambuíla: década de 1660, com uma média superior a 10.000 escravizados por ano. Como todo dado acerca da contagem do número de escravizados é impreciso, em vez de buscarmos nas tabelas a exatidão do número de embarcados, procuramos por um padrão porcentual que apontou para a década na qual mais saíram cativos da África antes da descoberta do ouro em Minas Gerais. No caso do Brasil, a principal região fornecedora foi a África Central. O Brasil também foi o maior importador de escravizados no século XVII, tendo sido superado apenas pelas importações inglesas na década de 80, momento no qual a produção brasileira estava em plena crise combinada a um grande problema endêmico em Angola: a bexiga (variola), que expulsou os compradores de escravizados. Essa foi a única década do século em que o Brasil foi superado. Depois, isso voltou a acontecer somente no século XVIII, no auge do tráfico inglês.

Quais teriam sido, portanto, os motivos que fizeram com que a Inglaterra superasse o Brasil em termos de importação de escravizados na década de 80? Em primeiro lugar, o surgimento das Antilhas como produtora de açúcar culminou no aumento da demanda por escravizados. Por isso, houve uma ampliação significativa na procura por cativos para as Antilhas caribenhas, sobretudo nas décadas de 70 e 80. Em segundo, a principal região fornecedora de escravizados para o Brasil, a de Angola, na África Central, teve um surto de variola gravíssimo que fez com que diminuísse a sua capacidade de exportação e também o interesse dos compradores. Em suma, seja pela concorrência na demanda, seja pelo problema na região fornecedora, o Brasil foi superado em termos de exportação de escravizados e, assim, começaram a faltar cativos para as plantações de cana e, em consequência da concorrência e do problema da doença, naturalmente houve uma elevação no preço do escravo.

Como, entretanto, teria sido esse processo de mudança de região exportadora? Alguns autores como Pierre Verger entenderam o tráfico por meio de ciclos:

O tráfico de escravos em direção à Bahia pode ser dividido em quatro períodos:

1º - O ciclo da Guiné durante a segunda metade do século XVI;

2º - O ciclo de Angola e do Congo no século XVII;

3º - O ciclo da Costa da Mina durante os três primeiros quartos do século XVIII;

4º - O ciclo da baía de Benin entre 1770 e 1850, estando incluído aí o período do tráfico clandestino” (VERGER, 1987, p. 9).

Contudo, o estudo realizado por meio de ciclos de exportação pode esconder o fato de que por mais que uma região tenha sido suplantada por outra, em termos absolutos, em um determinado momento ela continuava a exportar. Entretanto, mesmo tendo estudado o tráfico por meio de ciclos, Verger observou a concomitância das exportações. Portanto, por ciclos deve-se entender determinada região na liderança das exportações, mas não como a única a exportar. No caso do comércio com a Bahia, mesmo que Angola tenha sido superada pela Costa da Mina, não significa que as exportações da África Central tenham deixado de existir. Segundo o autor, o tabaco baiano passou a ter uma expressiva importância no comércio negreiro e, nesse sentido, na década de 80 com o surto de varíola em Angola, os navios carregados de tabaco, que procuravam trocar mercadorias por escravizados, passaram a ir em direção à Costa da Mina. Entre 1681 e 1710, período em que ocorreu a mudança, 368 navios rumaram para essa direção, enquanto apenas 17 para Angola (VERGER, 1987). Logicamente, não se pode explicar o câmbio de direção efetuado pelos mercadores de tabaco, mas, fica evidente a importância desse produto para a troca de escravizados. Contudo, desde Verger até recentemente, ao que parece, a mudança de direção do comércio devido às doenças é aceita. Sua tese, aliás, foi construída através da análise do comércio de tabaco. Joseph Miller entende do mesmo modo:



Mas, o tráfico de escravos no Atlântico sul, nas décadas de 1660 e 1670, caiu sob o controle da elite produtora de açúcar de duas capitâneas do nordeste do Brasil, especialmente Pernambuco. O tráfico de escravos partindo de Luanda entrou em declínio a partir de 1680 quando os senhores de escravos baianos abandonaram Luanda por Costa da Mina no oeste da África, no contexto de uma série de epidemias e perdas populacionais em Angola tão graves que os compradores brasileiros temiam a perda da capacidade daquela colônia para suprir mão-de-obra a preços compatíveis com o valor depreciado do açúcar (MILLER, 1998, p. 16).

Como é possível perceber, o problema das doenças na África Central também foi estudado por Miller. Segundo o autor, há um padrão climático nessa região cuja instabilidade tinha como consequência períodos de secas intensas, que em certos momentos atingiam a agricultura e levavam à falta geral de alimentos e à morte da população por fome (MILLER, 1982, p. 23). Contudo, se por um lado as secas constituíam um grande problema, as chuvas torrenciais também representavam perigo à população, pois traziam consigo, devido à umidade, algumas doenças letais. Na década de 80, a variola implicou em um agrupamento de mortes que incidiu diretamente no tráfico de escravizados, como demonstram os textos de Miller.

A variola é sabidamente mortal e historicamente conhecida pelos europeus. Ficou conhecida como bexiga, devido às pústulas externas que explodem nos corpos dos infectados (braços, pernas, pescoço e rosto), e deixa seus hospedeiros desnutridos, na medida em que além de acometer a área externa do corpo, compromete os órgãos internos implicando em desnutrição seguida de morte. Um quarto dos infectados morria, sendo que quando resistiam ficavam com sequelas, desde marcas na pele e cegueira até perda de partes do corpo (ALDEN & MILLER, 1987, p. 185-186). Portanto, não é por acaso que o vírus tenha influenciado uma série de fatores, entre os quais, a mudança de direção do tráfico.

Segundo Miller, os portugueses recém-chegados a Luanda estavam mais vulneráveis, não somente à variola, como também às outras doenças. Por isso, muitos deles ficavam confinados

na cidade. Quando na segunda metade do século XVII houve a tentativa portuguesa de dominar o sertão do Congo, os próprios governadores levaram suas tropas em direção aos inimigos africanos que, adaptados ao local, resistiam melhor às doenças. Por conta disso, muitos europeus foram vítimas dessas doenças, inclusive governadores. Segundo o autor, as enfermidades também foram um aspecto que implicou na desistência da dominação portuguesa do interior angolano por algum tempo. Mas, não eram apenas os europeus que estavam sujeitos às doenças, embora fossem menos resistentes. Os próprios africanos também pereciam. A definição de Miller é de que com as inúmeras fomes gerais ocorridas devido às secas que dizimavam as plantações, o sistema imunológico dos africanos ficava deficiente e, por isso, ainda mais suscetível às epidemias. Segundo sua interpretação, o povo Jaga começou a migrar devido a uma fome geral no grupo, impulsionando a migração no século XVI. Em relação ao tráfico, várias pessoas se entregavam e entregavam membros de suas famílias à escravidão a fim de se livrarem da fome coletiva (MILLER, 1982, p. 24 - 29):

Drought also replenished the population of the principal slave-producing regions of West-Central Africa. All of these - the kingdoms of Kasanje and Matamba in the middle Kwango valley, the Nsonso and Zombo parts of eastern Kongo in the Nkisi valley, the Ovimbundu states of the populous central highlands, the Humbe polity in the Kunene floodplain, the Luvale portions of the upper Zambezi - lay in nodes of demographic density. Periodic waves of refugees from the surrounding dry land fled into these areas when the rain failed. There the refugees often accepted subordinate civil status as 'guests' or 'slaves', a price for asylum on the land of local communities of land-owners. Many of these newcomers ended up later at the courts and markets of slave-selling kings and merchants. Elsewhere violent competition for dwindling grazing lands, arable fields, and food, flared with the onset of serious drought and must have produced captives whom the victors could sell for food. The ethics of disposing of a starving dependant were by no means clear, yet one could conceivably rationalize such a forced sacrifice as at

least raising the hope of salvation for both seller and sold (MILLER, 1982, p. 29).

A região de Angola ficou conhecida por enviar ao Brasil escravizados doentes que, quando não faleciam durante a passagem atlântica, morriam ao chegar. Nesse contexto, a preferência por Luanda diminuiu severamente – muito embora, para assegurar a colonização, a Coroa expressasse seu apoio ao comércio de escravizados via Angola, evidência disso foi a persistência em colonizar a região, enviando governadores gerais e legislando a atividade do tráfico, como efetivamente demonstra a lei das arcações de 1684.

A peste da bexiga era, assim, transportada da África para o Brasil. A variola era desconhecida na América antes da chegada dos portugueses<sup>6</sup> e o tráfico negreiro era um meio que facilitava e impulsionava a transmissão da doença, uma vez que até os escravizados serem embarcados ficavam mal-nutridos, amontoados em barracões litorâneos à espera da embarcação que, depois de feita, criava ainda mais condições e meios de transmissão da doença, pois, aglomerados uns aos outros nos porões dos navios, respirando muito pouco de ar fresco e se alimentando e hidratando de forma limitada, a doença se espalhava rápida e eficientemente, às vezes, por toda a tripulação (ALDEN & MILLER, 1987, p. 185-186).

Entre 1664 e 1666 houve um surto de variola em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro que devastou os escravizados das plantações de cana-de-açúcar, fator que implicou na Provisão Régia de 13/10/1670 sobre os navios negreiros com a finalidade de aumentar o fluxo de escravizados de Angola para o Rio de Janeiro, pois *“em rezaõ de ser grande a falta que experimentaõ aquelles moradores da escrauarria do gentio de Guiné, assy pela mortandade que ouue com as bexigas que deraõ naquella çidade*

---

<sup>6</sup> A variola nunca teve capacidade de reprodução endêmica, sendo transportada de fora – da África –; por isso, conclui-se que os surtos brasileiros da doença entre os séculos XVI e XVIII foram transportados e não criados ou reproduzidos: primeiro da Senegâmbia, no século XVI; de Angola, no século XVII; e, por fim, da Costa da Mina, Togo, Benin e Moçambique no XVIII. As epidemias na América coincidiam com as secas, fomes e surtos de doenças das regiões africanas que transportavam os escravizados, demonstrando uma íntima relação.

*hauerá quatro annos, como por falta de nauios de Angola”* (PROVISÃO RÉGIA SOBRE OS NAVIOS DE ESCRAVOS (13/10/1670). ATT., *Chancelaria de D. Afonso VI*, Liv. 41, fl. 41 v. MMA, vol XVIII, 1982, p. 124).

No entanto, foi entre 1680 e 1690 que se conheceu a maior epidemia da bexiga no Brasil do século XVII. A situação foi tão catastrófica que os comerciantes teriam abandonado suas atividades em Luanda para comercializar na Costa da Mina (ALDEN & MILLER, 1987, p. 204). Essa circunstância evidencia que havia uma relação direta da doença no Brasil com o tráfico de escravizados no continente africano no sentido mesmo que elucidou Alencastro, a “colonização europeia unificou o mundo biologicamente” (ALENCASTRO, 2006, p. 128). O certo era que os cuidados médicos – na África, na América ou ainda nos navios – se tornavam ineficazes perante a severidade de uma enfermidade que assolou a humanidade em diversas épocas e apenas foi vencida completamente com as pesquisas no século XX. Portanto, cada epidemia era, naquele contexto, uma calamidade. E assim foi em Luanda e em Salvador na década de 1680.

A Costa da Mina estaria apta a substituir e suprir as necessidades dos europeus na venda de escravizados, por isso Luanda deixou de ter a mesma importância dentro do quadro do império português. Perdeu o valor que tinha no contexto da Restauração de 1640, no imaginário de padre António Vieira, de Salvador Correia de Sá e outros. Muito embora não tenha perdido seu valor histórico dentro do quadro econômico português, passou a dividir a ponta do negócio com a Costa da Mina.

A Coroa portuguesa tinha interesses por todas as terras da África, uma vez que lucrava em todas elas porque, de modo geral, os negócios implicavam em pagamentos de impostos. As questões que envolviam o comércio negreiro eram diferentes, na medida em que abrangiam não apenas as aspirações da Coroa e de alguns mercadores, mas, principalmente o interesse de grandes comerciantes e, sobretudo, dos senhores de engenho brasileiros. Por isso, a questão do tráfico era observada com cuidado, pois não podiam faltar escravizados ao Brasil. Acreditamos, nesse

sentido, que o interesse pela Costa da Mina tenha surgido com essa finalidade: socorrer a miséria do Brasil. Ao saber dos problemas na América, frente às reclamações de morte dos escravizados, de falta de africanos vindos de Luanda e do sucesso do comércio inglês, holandês e francês na Costa da Mina, a Coroa portuguesa incumbiu a Junta de Comércio do Brasil de recuperar a área e o seu monopólio nas questões comerciais.

E, porquanto, para ele ter o sucesso que se pretende, e se seguir vitalidade, que as nações da Europa logram comum dar-lhe tal jornada, que ao tempo que aquele gentio se abraça com o nosso comércio, diminua a daquelas nações. E por se não poder conservar a continua assistência do socorro e navegações e que a empenho e despesa que mandei fazer se não desvaneça por todas estas considerações: eis por bem de largar à Junta do Comércio Geral do Brasil, atendendo ao bom acerto, com que provê na administração da Fazenda, e apresto de suas armadas, e ao mais a que o moveu este comércio da Costa da Mina, para que o administre com o mesmo poder, jurisdição, direção, com que o faz ao do Brasil, lucrando todos os interesses, direitos e pertenças, que dele tirar, para o que será obrigado a mandar continuar o dito comércio, na melhor forma, que lhe parecer, e com que administra o do Brasil. E para este fim poderá nomear Feitores nas Feitorias que se introduzirão aos quais remeta as fazendas, que houverem de beneficiar e estes lhe darão conta de suas remessas e seguirão suas ordens e regimentos, como fazem os mais administradores.

Com declaração, que os postos de guerra das Fortalezas que se fizerem, me consultará a Junta três sujeitos, e vindo-me a consulta, a mandarei ver no conselho ultramarino, para que dos sujeitos consultados proponha, o que lhe parecer, na forma que o fazem os donatários das terras ultramarinas, em escolher e nomear o que for mais conveniente. E do que nomear mandarei declarar à Junta, que pelo conselho ultramarino se lhes cassará patente; porquanto nesta forma se não segue prejuízo

nem controvérsia de jurisdição entre estes Tribunais, e ser assim conforme à boa direção deste negócio<sup>7</sup>

A Coroa portuguesa, sem a possibilidade de organizar o comércio negroiro, como em todos os casos, cedeu a particulares o direito de fazê-lo. Por isso, no caso da Costa da Mina a escolha foi por esse viés.

Recentemente, Gustavo Acioli Lopes defendeu uma tese na qual mostra o início do comércio com a Costa da Mina organizado pelo Brasil. Segundo o autor, o trato do tabaco passou a ser peça fundamental nas trocas relativas à região. Ele aponta o ano de 1673 como o início do comércio entre o Brasil e a Costa da Mina (LOPES, 2008, p. 50). Entretanto, o comércio apenas ganha corpo depois da década de 80, e só no século XVIII é que terá sua expansão. Um fator que diferencia a Costa de Mina de Luanda e das outras regiões da África Central é que na região do Golfo do Benin se concentrava o comércio de variadas bandeiras européias e, principalmente, não havia o domínio colonial português; isto é, quem realizava o comércio eram os próprios africanos. Luanda tinha sido colonizada e, embora, sua sociedade

---

<sup>7</sup> E porquanto para elle ter o successo que se pertende, e se seguir vtilidade, que as naçoens de Europa lograõ, comuem darlhe tal jorna, que ao tempo que aquelle gentio se abraçe com o nosso commercio, diminua a daquellas naçoens. E por se não poder conseruar a continua asistencia do socorro, e nauegaçoens, e que a empenho e despeza, que mandei azer se não desuaneça, por todaz estas consideraçoens: Hey por bem de largar á Junta do Commercio Geral do Brasil, atendendo ao bom acerto, com que prouê na administração da Fazenda, e apresto de suas armadas, e ao mais a que o moueo este commercio da Costa da Mina, para que o administre com o mesmo poder, jurisdição, direcção, com que o faz ao do Brazil, lucrando todos os interesses, direitos e pertenças, que delle tirar, para o que será obrigado a mandar continuar o dito commercio, na melhor forma, que lhe parecer, e com que administra o do Brasil. E para este fim poderá nomear Feitores nas Feitorias que se introduzirão, aos quaes remeta as fazendas, que ouuerem de beneficiar e estes lhe daraõ conta de suas remessas e seguirão suas ordens e regimentos, como fazem os mais administradores. Com declaração, que os postos de guerra das Fortalezas que se fizerem, me consultará a Junta trez sogeitos, e uindome a consulta, a mandarei uer no conselho ultramarino, para que dos sogeitos consultados proponha, o que lhe parecer, na forma que o fazem os donatarios das terras vltamarinas, em escolher e nomear o que for mais comueniente. E do que nomear mandarei declarar á Junta, que pello conselho vltamarino se lhes cassará patente; porquanto nesta forma se não segue prejuizo nem controuersia de jurisdição entre estes Tribunaes, e ser assim conforme á boa direcção deste negocio. Comércio da Costa da Mina (6/5/1680). ACL<sup>2</sup>— *Colecção de Legislação* Trigoso, Liv. 9, doc. 64. (MMA, vol. VII, 1981, p.645-646)

fosse predominantemente negra, o elemento europeu estava presente, imiscuído culturalmente. Em outros termos, quem controlava o comércio em Luanda eram os portugueses, ao passo que na Costa da Mina não havia um domínio mais profundo. Observe a afirmativa de Roquinaldo Ferreira

Nesta configuração, os europeus controlavam o comércio costeiro a partir de entrepostos comerciais – fortalezas, fortes ou feitorias –, mas os africanos tinham controle absoluto das rotas internas de comércio. Esta estrutura permaneceu praticamente intacta mesmo depois da expulsão dos portugueses do Castelo da Mina e a intensificação do comércio por parte de várias nações européias, na segunda metade do século XVII. (FERREIRA, 2010, p. 481).

Em que pesa a diferença? Em que não houvesse um monopólio na captação e venda como em Luanda, deixando a concorrência prevalecer nas trocas. O sistema português não aceitava concorrência, pois sobrevivia do monopólio. No caso de Angola, havia de fato certa bipolaridade apontada por Alencastro, na qual os produtos brasílicos eram os principais meios de troca. Na Costa da Mina havia uma variedade maior de bens de troca. Nesse sentido, Lopes aponta para um processo de superestimação da cachaça e do tabaco como elementos fundamentais para o comércio. Existia para ele uma variedade muito grande no número de produtos componentes do rol dos traficantes, como panos da Índia, cauris, pólvora, armas: frutos de um comércio tripolar (LOPES, 2008, p. 50 - 52). Tais aspectos dinamizaram as trocas na região.

Ainda cabe insistir que o comércio com a Costa da Mina era feito livremente, sem o controle de Portugal, como demonstra este relato:

Os moradores desta Ilha com os do Brasil iam aos resgates da Costa da Mina onde faziam seu negócio livremente e tiravam bastantes lucros, e resultavam diretos à Alfândega desta Ilha. Hoje não podem fazer por andarem na mesma Costa não da Companhia de Holanda que vendo embarcação portuguesa e como estas são de pequena força, as levam ao Castelo da Mina aonde

o General quarteia as carregações e tirando-lhe o mestre manda as embarcações pela costa abaixo com flamengos dentro que roubam o que querem e depois mandam os mestres a bordo; e por se querer defender uma sumaca desta Ilha do Sargento-Mor Fernando Soares de Noronha, se puseram os Flamengos em armas, e deram com duas balas no piloto, e alguns marinheiros por terem pouca defesa se lançaram ao mar, e morreram afogados sete.

E ultimamente chegou aqui um patacho de Bernardo Diaz Raposo quase todo roubado e uma sumaca do Brasil roubada também, de que me pareceu dar conta a V. Majestade e também de que não se fazendo hoje negócio na Costa da Mina resulta um grandíssimo prejuízo a esta Ilha, assim à fazenda de V. Majestade como aos moradores e ficarem sem granjeio nenhum, e mais pobres do que estão hoje<sup>8</sup>

Os baianos comercializavam com a Costa da Mina, além de holandeses, franceses e ingleses. Por isso, até passar a epidemia de Luanda, a Costa da Mina foi essencial no fornecimento de escravizados ao Brasil, principalmente depois de descoberto o ouro em Minas Gerais e montada a estrutura de extração do metal amarelo. A partir da década de 60, a economia do açúcar começara a entrar em declínio, piorando a cada ano, chegando ao seu ápice no final da década de 80, com a perda do preço do açúcar e as dívidas dos senhores de engenho. Parte dessa problemática

---

<sup>8</sup> Os moradores desta Ilha com os do Brazil hiaõ aos resgates da costa da Mina aonde faziam seu negocio liurementemente e tiravam bastantes lucros, e rezultavam direitos á alfandega desta Ilha; hoie o nam podem fazer por andarem na mesma Costa naos da Companhia de Olanda que em uendo embarcaçam portugueza, e como estaz sam de pequena força, as leuam ao castello da Mina aonde o General quarteia as carregaçoís e tirandolhe o mestre manda as embarcaçoís pella costa abaixo com flamengos dentro que roubaõ o que querem e despois mandaõ os mestres a bordo; e por se querer defender huã sumaqua desta Ilha do Sargento Mor Fernando Soares de Noronha O se puzeram os Flamengos em armas, e deram com duas ballaz no piloto e alguns marinheiros por terem pouca defeza se lançaram ao mar, e morrerão afogados sete. E ultimamente chegou aquy hum patacho de Bernardo Diaz Raposo quase todo roubado e huã sumaqua do Brazil roubada tanbem, de que me paresseu dar conta a V. Magestade e também de que nam se fazemdo hoie negocio na costa da Mina rezulta hum grandíssimo prejuízo a esta Ilha, asim á fazenda de V. Magestade como aos moradores e ficarem sem granjeio nenhum, e mais pobres do que estam hoie. Carta de Bernardo de Sousa Lima a sua Majestade El-Rei (20-12-1687) AHU., S. *Tomé*, cx. 3, doc. 87. (MMA, vol XVIII, 1982, p. 92).



também foi devida à falta de escravizados: fosse pelo aumento do seu preço ou pelo número de mortes advindo das doenças transportadas através do Atlântico. Concomitante ao contexto de mudança do eixo comercial da África Central para a região da Costa da Mina houve, naturalmente, a tentativa de manter o tráfico com Luanda, onde os portugueses mantinham o controle. Em Angola, mesmo atendendo aos interesses da população local, que ditava o preço, não havia o elemento estrangeiro que na Costa da Mina incrementava e aumentava o valor dos cativos.

Sendo assim, abrimos o processo de conclusão ressaltando que a ideia de Peter Emmer sobre dois sistemas atlânticos e a crise geral do século XVII aclara a compreensão do ponto de vista conjuntural. Segundo o autor, a saída dos holandeses de Pernambuco impulsionou o investimento de seus capitais nas Antilhas e com o surgimento delas se teria inaugurado uma nova maneira de conceber a colonização. Para ele, portanto, há uma dicotomia no modo de entender as colônias: um “Sistema Ibérico” e um “Sistema holandês”, “Sistemas Atlânticos” diferentes. O primeiro sistema estaria atrelado a uma forma arcaica de comércio, um sistema regulado de economia, enquanto o segundo era voltado para um mercado relativamente livre, sem tanta interferência das coroas, abrindo caminho para a compreensão do surgimento de uma mentalidade capitalista.

There were two Atlantic systems in the first phase of the expansion of Europe during the ancien regime. The first one was created by the Iberians and the second one by the Dutch, the British, and the French. The main differences between these two systems pertained to the location of their points of economic gravity, their demographic and racial composition, and their organization of trade and investment, as well as to the social fabric (EMMER, 1993, p. 1993)

Entendemos que o autor sugere que os primórdios do capitalismo de livre mercado começavam a traçar seu caminho, de maneira bem adiantada, no século XVII, no auge do mercantilismo reinante em boa parte da Europa. Dessa maneira, o modo de conceber as colonizações americanas passou a ser diferente do ponto de vista da posição das coroas no processo

de controle de suas colônias. A crescente industrialização das metrópoles européias dinamizou o tráfico negreiro para as Antilhas, já que os ingleses e holandeses, diferentemente dos portugueses, não visavam o monopólio e controle da África. Os ibéricos não foram capazes de produzir produtos industrializados o suficiente para enviar às suas colônias, como os franceses, holandeses e ingleses. Eles não tiveram infraestrutura para enviar produtos às colônias, por isso, criaram pólos de desenvolvimento entre elas. Também criaram a possibilidade de outros países figurarem entre suas colônias. Por isso, o lucro nas Antilhas era muito maior que o lucro da Coroa portuguesa (aliado à sua posição estratégica). Em última análise, o sistema holandês era moldado pelas demandas do mercado. Essa lógica de mercado foi praticada no comércio negreiro e obteve muito sucesso na Costa da Mina, na medida em que, não havendo o entrave e os impostos da Coroa, os comerciantes europeus e os africanos é que determinavam os preços dos produtos. Essa condição ocorre pela perda de poder de Portugal e pela ascensão desses países de características burguesas, como Holanda e Inglaterra.

Immanuel Wallerstein (1984) demonstra que no século XVII houve um processo de reestruturação do mapa político europeu que dividiu as nações entre centro e periferias. Portugal passou a desempenhar o papel de semi-periferia, depois de 1640, e suas colônias seriam as periferias. Dessa maneira, podemos notar que a crise geral do século XVII, para Wallerstein, foi reflexo desse momento de mudança nos centros de poder, que até então obedecia à maneira Ibérica de colonização, baseada no monopólio. O fracasso dos Habsburgo representou a decadência ibérica e a ascensão de países nos quais prevaleciam os interesses burgueses, como a Inglaterra. Sendo assim, a segunda metade do século XVII português constitui-se na recolocação histórica do país lusitano no contexto da economia europeia, isto é, às margens das zonas de influência, às margens do capitalismo em construção. Pode-se compreender que a ascensão da Costa da Mina está atrelada como um reflexo da perda de poder dos portugueses e do surgimento de concorrentes mais aptas para o trato e para o contexto histórico. O recorte cronológico dessa abordagem termina antes da descoberta de ouro em Minas Gerais,

justamente, pelo fato de entendermos que a demanda mineira fomentou e fez ressurgir Angola como exportadora de cativos e, acima de tudo, da resistência do sistema ibérico sustentado pelo ouro de Minas Gerais. Sem nos esquecer que o surto de variola também diminuiu.

A Costa do Ouro, no início do século XVII não tinha sequer um forte especializado no tráfico negreiro, entretanto, percebe-se que na segunda metade do século, depois de 1662 os holandeses e ingleses começaram a comprar escravos em quantidades relevantes. Roquinaldo Ferreira afirma que essa demanda ocorreu devido ao surgimento das Antilhas e da Virgínia Inglesa como produtora de tabaco. O autor ainda elenca mais dois fatores que poderiam ter influenciado a ascensão da região. Primeiramente, como não havia o forte controle das companhias de comércio inglesas e holandesas, havia muitos navios piratas fazendo o comércio. Entre 1679 e 1683 teriam 32 navios desembarcados na Inglaterra, o que equivaleria a metade do exportado pela Companhia Inglesa. Em segundo lugar, havia a presença de ouro, o que acabou por tornar atrativas as viagens dos traficantes à região. (FERREIRA, 2010, p. 485 - 486).

O comércio na Costa do ouro, como demonstrado por Ferreira, tinha como característica a supremacia africana. Militarmente, as variadas bandeiras européias, não conseguiam se colocar de maneira a suplantarem os africanos. Talvez, nem quisessem esse controle, já que pelos números colocados acima, houve grande aumento da exportação do número de escravizados na região. O momento de ascensão do Golfo do Benim é o momento do pontapé inicial das Antilhas do Caribe e da estruturação das sociedades agrárias caribenhas. Não é por acaso que em 1685 a França publica *Le Code Noir* (MARQUESE, 2004, p. 30). A finalidade é estruturar a sociedade escravista que surgira. As Antilhas, assim como o Brasil, teve características de produção baseadas na demanda por cativos africanos que vieram da África, principalmente da referida região. O Golfo do Benim deu as bases para o desenvolvimento dessas colônias holandesas, francesas e inglesas. Esse comércio negreiro é que será tratado por Eric Williams, de maneira um pouco exagerada, como a chave explicativa para o desenvolvimento industrial e capitalista

da Inglaterra. Até agora, muito pouco, ou quase nada, se elucidou acerca das características econômicas da região africana. Sendo assim, observamos que o mercado africano dessa região era auto-regulado e, por isso, o seu sucesso imediato, na medida em que as leis da oferta e demanda – diferentemente da colonização portuguesa – prevaleceu.

### **Considerações finais**

O artigo propôs explicar o surgimento da Costa da Mina como exportadora de escravizados para as Américas em detrimento da estagnação de Angola. Acreditamos que ambos os processos tenham ocorrido de maneira simultânea, entretanto, até então explicava-se essa relação pelo viés exclusivo das doenças e da própria crise angolana. O comércio de tabaco também foi outro ponto abordado pela historiografia. Contudo, ele dava sentido apenas aos escravizados transportados a Pernambuco e não ao restante das colônias. Acreditamos que Pernambuco e o interesse pelo tabaco não explicam a grande mudança de região. A pergunta que se fez foi: Costa da Mina surgiu porque Angola entrou em crise, ou a crise de Angola foi resultado do surgimento da Costa da Mina?

Com o surgimento das doenças advindas de Angola, observa-se que houve um quase abandono da região por parte dos traficantes na década de 80. Desse modo, aparentemente, como aponta Miller, Verger e outros, as doenças implicaram nas mudanças. Esta perspectiva analítica que adotamos privilegia a capacidade de compreender a implicação destas doenças por meio das suas construções histórico-sociais que orbitam a relação entre homem e natureza. É por isso que não tratamos como um agente isolado e particular sem relacionar aos contextos em que estão situadas, pois este cenário da história da saúde “[...] é também a história dos países e cidades, do trabalho, das guerras e das viagens” (HERZLICH, 2004, p. 384). Como Rosenberg (1992) nos lembra, a doença está localizada em uma extensa rede social de negociações e, em nosso caso, os deslocamentos humanos e o contato com esta doença podem nos ajudar a refletir sobre o seu

papel entre a questão econômica, o comércio negreiro, Angola e a relação com a variola, por exemplo.

Entretanto, num amplo aspecto, a maior parte dos escravizados exportados na Costa da Mina não era destinada ao Brasil, iam para as colônias inglesas, francesas e holandesas. Como demonstrado, as Antilhas surgiram na segunda metade do século XVII, organizadas por “estados” que foram capazes de se impor militarmente, de se colocar na disputa hegemônica europeia e de serem soberanos. Os portugueses, desde os primórdios da colonização, organizavam-se a partir do monopólio da produção e venda. E é por isso que o novo modelo de comércio abala o sistema português. O sucesso das Antilhas surgiu não somente como um fator numérico, de oferta e demanda, mas como uma nova maneira de se organizar comercialmente de modo diferente e conflitante com Portugal. A intenção da Inglaterra não era dominar a África, mas vender seus produtos e levar escravizados para as suas colônias, a maneira de fazer o tráfico muda, por meio de suas Companhias de Comércio estabelece-se uma nova dinâmica para o trato. Em Angola, no entanto, existiam os interesses da Câmara Municipal, da Igreja e a expectativa de dominar os povos locais, enquanto na Holanda, França e Inglaterra, não. Os comerciantes holandeses perceberam isso ao serem expulsos de Angola na década de 1640 e talvez, por isso, o empreendimento com a Costa da Mina foi outro.

Portanto, em Angola, diversos fatores comprometiam o comércio nesse final do século XVII. Na Costa da Mina, por outro lado, uma nova dinâmica se instalava, desde a conjuntura apontada acima até a explicação de Paul Lovejoy na qual afirma que dentro do sertão do Golfo do Benin havia uma disputa pelo poder que visava o lucro a partir do comércio negreiro; segundo o qual, o reino Iorubá de Oió teria começado guerras pelas quais escravizou muitas pessoas, levando-as ao litoral e colocando-as à venda. O reino de Daomé utilizava Uidá como porto porque exercia um controle regional capaz de fomentar o tráfico por muito tempo. Os europeus não precisavam adentrar ao sertão para comprar os cativos, os próprios africanos realizavam esse processo porque os reinos locais se estruturaram para atender o comércio negreiro, como aponta Lovejoy e também Ferreira.

A varíola angolana foi a desculpa plausível que deu nexo argumentativo à mudança, como observamos na documentação, mas não pode ser elencada como fator determinante em um sentido amplo. Do ponto de vista estrutural, Angola entrou em recessão não somente por conta do surgimento da Costa da Mina, não obstante, ao sucesso da nova maneira de comercializar dos holandeses. Dito de outro modo, isso foi reflexo da conjuntura expressa da crise geral do século XVII, na qual os portugueses perderam espaço para outras potências, passando a ocupar lugar periférico no comércio colonial. Em últimos termos, para além de uma resposta factual, a decadência comercial angolana esteve ligada à decadência do modelo de colonização português, iniciado posterior a União Ibérica e a reestruturação hegemônica na Europa. Costa da Mina foi dominada pelo comércio europeu justamente pela incapacidade dos portugueses de colonizá-la como queria e, sobretudo, como precisavam para socorrer a carência brasileira.

### Fontes

BRÁSIO, Antônio. *Monumenta Missionária Africana*. Volume IX. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1981.

Carta de Bernardo de Sousa Lima a sua Majestade El-Rei (20-12-1687) AHU., S. *Tomé*, cx. 3, doc. 87

Comércio da Costa da Mina (6/5/1680). ACL' — *Colecção de Legislação* Trigoso, Liv. 9, doc. 64.

PROVISÃO RÉGIA SOBRE OS NAVIOS DE ESCRAVOS (13/10/1670). ATT., *Chancelaria de D. Afonso VI*, Liv. 41, fl. 41 v.

The Trans-Atlantic Slave Database. <<http://www.slavevoyages.org/tast/index.faces>>. Acessado em 21/07/2014 às 21:30

ROSA, João Ferreira – *Trattado Unico da Constituiçam Pestilential de Pernambuco*. Oficina de Miguel Menescal. Lisboa – 1694.

### REFERÊNCIAS

CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial. *Tempo*. Rio de Janeiro, nº 19, pp. 61-75.

CHALHOUB, Sidney (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

- CROSBY, Alfred W. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900* São Paulo : Companhia das Letras, 2011.
- DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. A implantação das ciências no Brasil - um debate historiográfico. In: ALVES, José Jerônimo de Alencar (Org.). *Múltiplas faces da história das ciências na Amazônia*. 1ed. Belém: Editora Universidade Federal do Pará, 2005, v. 1, p. 31-48.
- EDLER, Flávio Coelho. *Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- EMMER, Peter. "The Dutch and the Making of the Second Atlantic System". In SOLOW, Barbara (Ed.). *Slavery and the Rise of the Atlantic System*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1993
- FARIAS, Rosilene Gomes. Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco imperial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, pp.215-231.
- FENN, Elizabeth A. *Pox Americana: The Great Smallpox Epidemic of 1775-82*. New York: Hill and Wang, 2001.
- FERNANDES, T. M. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 10 (suplemento 2), pp. 461-474.
- FERREIRA, Roquinaldo. A primeira Partilha da África. Decadência e ressurgência do comércio português na Costa do Ouro (ca. 1673 – ca. 1700 ). *Varia História*. vol. 26. N. 44. Jul/Dez. Belo Horizonte, 2010. Pp. 479 – 498.
- GURGEL, Cristina Brandt Friedrich; ROSA, Camila Andrade Pereira. História da medicina: a variola no Brasil colonial (séculos XVI e XVII). *Revista de Patologia Tropical*. Vol. 41 (4), out.-dez. 2012, pp. 387-399.
- HERZLICH, Claudine. Saúde e Doença no Início do Século XXI: Entre a Experiência Privada e a Esfera Pública. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, 2004, pp. 383-394.
- KROPF, Simone Petraglia. Ciência, saúde e desenvolvimento: a doença de Chagas no Brasil (1943-1962). *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 107-124.
- LOPES, Gustavo Acioli. *Negócio da Costa da Mina e comércio Atlântico*. Tabaco, açúcar, ouro e tráfico de escravos: Pernambuco (1654 - 1760). USP: Tese de Doutorado, 2008.
- LOVEJOY, Paul. *A escravidão da África*. Uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LOVEJOY, Paul. *A escravidão da África*. Uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARQUESE, Rafael de Bolívar. *Feitores do Corpo, missionários da mente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MILLER, J. C. *Way of death*. Merchant capitalism and the Angolan slave trade 1730 – 1830. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1988.

\_\_\_\_\_. “Mortality in the Atlantic Slave Trade: Statistical Evidence on Causality”. *Journal of Interdisciplinary History*, 1981

\_\_\_\_\_. The Significance of Drought, Disease and Famine in the Agriculturally Marginal Zones of West-Central Africa. *The Journal of African History*. Vol. 23, No. 1 (1982), pp. 17-61. 10/06/2013 14:23.

PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1928 a 1955)*. Tese de Doutorado. Campinas-SP: UNICAMP, 2003.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUCS, 1999.

RIBEIRO, Márcia Moisés. A singularidade Colonial. In: \_\_\_\_\_. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997, pp. 21-65.

ROSENBERG, Charles E. Disease in History: Frames and Framers. *The Milbank Quarterly*, Vol. 67, Supplement 1. Framing Disease: The Creation and Negotiation of Explanatory Schemes (1989), pp. 1-15.

ROSENBERG, C. Framing disease: illness, society and history. In: ROSENBERG, C.; GOLDEN, J. (Eds.). *Framing disease: studies in cultural history*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1992, pp. 305-318.

SILVA, Alberto da Costa e *A manilha e o libambo*. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

VANSINA, J. O Reino do Congo e seus vizinhos. In: (ed.) OGOT, B. A. *História Geral da África*. África do século XVI ao XVIII. Vol V. Brasília: UNESCO, 2010.

VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os santos dos séculos XVII a XIX*. Trad. Tasso Gadzanis. São Paulo: Editora Corrupio, 1987.

WALLERSTEIN, I. *El moderno sistema mundial*. Vol. II. España: Siglo Veintiuno editores, SA, 1984.